

O Tuiuti



2013 / Nº 79



CEL RAPOSO FILHO
Veterano da Artilharia
da FEB, Pensador Militar



O Tuiuti

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

210 ANOS DO NASCIMENTO DE CAXIAS – 70 ANOS DA CRIAÇÃO DA FEB

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel – Presidente da AHIMTB/RS e Vice do IHTRGS

lecaminha@gmail.com

Projeto Gráfico:

Fabricio Gustavo Dillenburg - Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis

nucleomilitar@gmail.com

Capa:

Artilharia da FEB, ao fundo, Cel Amerino Raposo Filho, à frente.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA MILITAR VAE VICTIS

Mais de duas décadas de trabalho voltado para a divulgação da História Militar

O Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis tem grande orgulho em participar da elaboração do informativo **O Tuiuti**, marco da formação histórica militar brasileira. Com o objetivo de divulgar a História, sobretudo em seu viés militar, o Núcleo de Estudos de História Militar Vae Victis trabalha tendo em vista a clareza de informação, a amplitude das análises, a relevância do material audiovisual, a atualização das hipóteses e a consistência na argumentação.

Nossa Missão: é levar ao máximo possível de pessoas o conhecimento da História Militar, divulgando sua importância, resgatando os seus valores e as suas memórias, preservando documentos e fornecendo subsídios para uma educação integral e de qualidade.

Nossa Postura: é independente, livre de qualquer posição política ou religiosa, voltada unicamente para a preservação e divulgação do conhecimento histórico, sem qualquer conexão com entidades que não tenham cunho explicitamente cultural, visando fornecer informação e compreensão com acessibilidade.

Para saber mais sobre nosso trabalho visite:

www.nucleomilitar.com / www.nucleomilitarblog.com



Cel Amerino Raposo Filho

Homenagem

Cel Cláudio Moreira Bento
Historiador Militar e Jornalista,
Presidente da FAHIMTB

Tive o imenso prazer de conhecer o Cel Amerino Raposo Filho, pensador militar brasileiro fecundo, veterano da Artilharia da FEB, hoje acadêmico emérito da FAHIMTB e o 1º ocupante da cadeira que tem por patrono o notável pensador militar brasileiro Cel João Batista Magalhães. Em 1968, como aluno do 2º ano da ECEME conheci se precioso livro A Manobra na Guerra, no qual me iniciei nos estudos de

Arte e Ciência Militar e passei a ter melhor rendimento escolar, pois estava desde a EsAO com conhecimentos de minha Arma de Engenharia à base de cálculos matemáticos para apoiar a tática de um Regimento de Infantaria.

Guardo este livro precioso até hoje e ele muito me ajudou em





Cel Amerino Raposo Filho, em 2012, em homenagem prestada aos seus 90 anos e à sua história na FEB, como artilheiro

1971 na produção de meu 1º livro As batalhas dos Guararapes - análise e descrição Militar (Recife: UFPE, 1971), lançado em 19 de abril de 1971, na inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes, cuja coordenação do Projeto, Construção e Inauguração me coube coordenar sob missão recebida do então IV Exército.

Impressionava-me seu pioneirismo na defesa de uma Doutrina Militar Terrestre Brasileira, em época de predomínio entre nós da Doutrina Militar Norte Americana e na qual ele dava continuidade à ideia do Duque de Caxias em 1871, como Ministro da Guerra e Presidente do Conselho de Ministros, ao adaptara Doutrina Militar de Portugal, feita para as realidades operacionais europeias, às realidades operacionais sul-americanas, que ele vivenciara em cinco campanhas militares vitoriosas que comandou. E concluía dizendo “até que o Exército Brasileiro disponha de uma Tática (Doutrina Militar) genuína”.

Lembro de uma das análises do Cel Amerino, a Manobra do Chaco, onde Caxias deu um exemplo ao correr Risco Calculado e, com isso, pondo em risco o princípio de Guerra da Segurança, ao atravessar com o seu Exército a região do Chaco, sujeita a chuvas e inundações, em benefício do Princípio de Guerra da Surpresa, que ele obteve em nível estratégico, ao desembarcar na retaguarda profunda do inimigo interposto entre a tropa brasileira e a capital, Assunção.

O Cel Amerino foi um dos primeiros acadêmicos a tomar posse na então AHIMTB em Resende na Associação Educacional Dom Bosco, consideração que a AHIMTB distinguiu também, com prioridade, aos ilustres veteranos da FEB, generais Tácito Théophilo Gaspar de Oliveira, Carlos de Meira Mattos e Plínio Pitaluga. Em sua oração de posse, Amerino repetiu suas interessantes análises da obra do Duque de Caxias.



Antes da chegada da artilharia brasileira à frente italiana, os alemães já advertiam suas tropas sobre a precisão da FEB



Artilheiros da FEB em ação na Campanha da Itália, 1944/1945 (Arquivo de Diana Oliveira Maciel)

A última vez em que estivemos juntos foi no Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial, em cerimônia conjunta da ANVFEB e da AHIMTB/RS e ao lado dos túmulos dos heróis brasileiros que tombaram na 2ª Guerra Mundial. E, com muito orgulho, nós dois integrando a Mesa Diretora, quando tive a oportunidade de o homenagear e demonstrar a alta consideração que tributava ao ilustre soldado, pensador militar e alma do Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos (CEBRES), que ele enriqueceu com seus valiosos estudos sem contar com apoio oficial. Agradeço ao estimado chefe haver me distinguido para falar sobre ele e sua grande obra como soldado e pensador militar brasileiro.

•



Cel Cláudio Moreira Bento

Sobre o Autor: O Cel Cláudio Moreira Bento é Historiador Militar e Jornalista. Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e da AHIMTB/Resende Marechal Mário Travassos, do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS), da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS), presidente Emérito fundador das Academias Resendense (ARDHIS) e Itatiaense (ACIDHIS) de História, acadêmico fundador da Academia Barra-mansense de História (ABH), correspondente do Instituto de Estudos Vale paraibanos (IEV), em Itatiaia, sócio dos institutos Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) e do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba (IHGGS).

•



Tercios de España **ARCABUCEROS A CABALLO Y DRAGONES**

Hugo A. Cañete

Gentileza do Acadêmico Dr. Frederico Euclides Aranha
(Fonte: <http://www.gehm.es>)

Os arcabuzeiros a cavalo aparecem na segunda metade do século XVI quando, para ganhar rapidez e manobrabilidade nos combates, se começou a transportar as unidades de infantaria a lomos de cavalo onde fazia mais falta. Eram normalmente arcabuzeiros montados na garupa de soldados de cavalaria.

Eram, normalmente, arcabuzeiros montados à garupa de soldados de cavalaria. Não tardaram os generais da época em apreciar a vantagem que tinha este tipo de manobra no campo de batalha, o que fez com que aparecessem as primeiras unidades de infantaria montada, deixando de utilizar a cavalaria para o transporte. Estas unidades se organizaram, no início, como formações de infantaria propriamente ditas,

conservando os postos, os tambores e demais parafernália própria dos infantes.

Nas ordenanças de 1632, se previa que os arcabuzeiros a cavalo se organizassem em dois tipos, as Companhias de Carabinas, equipadas com pistolas curtas, e que, ainda que sendo cavalaria ligeira, assumem funções mais próximas às dos cavalos "couraça"; e as unidades de Dragões, que seguem considerando-se infantaria montada e equipada com arcabuz.

Conta Don Diego de Aedo em sua obra Viagens, sucessos e guerras do Cardeal Infante dom Fernando de Áustria, em relação ao encontro das tropas de Don Fernando con as do Duque de Feria em 1634:

Mandou sua Alteza, a respeito de ter-se muita e muito boa infantaria, que se montassem dela quinhentos a cavalo, repartindo-os em cinco Companhias de Dragões [...] incluindo (o cronista) estas unidades na relação que faz das unidades de infantaria, considerando-os pois, infantaria montada.

Durante a guerra dos trinta anos os dragões continuaram a ser empregados para ganhar velocidade nos campos de batalha, enviando as unidades aonde mais necessária fosse sua presença e desmontando para fazer fogo; o que não era óbice para que, chegada a ocasião pudessem empregar seu arcabuz a cavalo para defenderem-se de outros ginetes, ou empregarem a espada para carregar contra elementos de infantaria dispersos.

Também eram muito úteis para a vigilância da retaguarda, linhas de abastecimento, luta contra insurgência e missões de reconhecimento. Seu cavalo era o mais barato e o de menor qualidade de todas as unidades montadas e não convinha utilizá-lo em tarefas de maior esforço, salvo força maior.

As ordenanças de 1632 proibiam a conversão das companhias de arcabuzeiros em companhias de cavalos "couraça" pela simples decisão de seu capitão, prática que se dava anteriormente, porque *"...resulta que os soldados acostumados ao arcabuz sentem armar-se e seus cavalos são, de ordinário, pequenos para "couraças", as companhias que se formam desta maneira sempre ficam mal armadas e com outros defeitos [...]"* (Ordenanzas 9 y 10).

O Dragão levava um arcabuz de roda e espada. A vestimenta era ligeira, sem elementos "encouraçados". Não levava botas nem armadura, somente um colete de couro sem mangas. No ombro esquerdo levava uma bandoleira ou dragona onde



levava os projetis e os frascos de pólvora, e do peito pendiam os doze apóstolos, recipientes de madeira com a dose justa para uma recarga. A cabeça era coberta por um chapéu de aba larga debaixo do qual levava um pequeno casco que se adaptava ao crânio, chamado "bacinete".

•

A título de informação, alguns dados numéricos do CMS:

- Efetivo: 50 mil militares;
- Quantidade de OMs: 170;
- 90% dos blindados sobre lagartas do EB;
- 75% dos blindados sobre rodas do EB;
- 25% da Força Terrestre.
- 19 comandos de oficiais-generais.

•



AHIMTB / RS

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL / RS

